





SAIR

O MONTEBELO ALCOBAÇA  
HISTORIC HOTEL  
TRANSFORMOU PARTE DE  
UM MOSTEIRO SECULAR  
PARA FAZER NASCER UM  
HOTEL DE CINCO ESTRELAS  
DESENHADO PELO  
ARQUITETO SOUTO MOURA,  
ONDE A LUZ, O SILÊNCIO  
E O ESPAÇO IMPERAM.

TEXTO  
MARKUS ALMEIDA

FOTOGRAFIA  
JOSÉ ALFREDO

PELO conhecimento quase enciclopédico da História de Portugal que o diretor do novo Montebelo Alcobaça Historic Hotel vai deixando escapar aqui e ali, enquanto mostra os cantos à casa, quase se diria que um curso de História era requisito para ocupar a função. “Não é”, assegura António Machado Matos, “mas, repare, isto é emocionante”.

Por “isto”, entenda-se o hotel de cinco estrelas inaugurado em novembro de 2022 no antigo claustro do Rachadouro do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. O projeto é do arquiteto Souto Moura, que parece ter adotado a máxima de que em equipa que vence não se mexe – é impossível percorrer os seus extensos corredores com tetos abobadados e um pé-direito não alto, mas altíssimo, sem sentir que o prémio Pritzker da arquitetura foi beber inspiração ao desapego e minimalismo da vivência conventual.

Não há uma parede com quadros ou outro tipo de peça à vista, a decoração é simples mas nunca simplista, e houve economia na variedade de materiais escolhidos, mas não na qualidade, como seria de esperar. Souto Moura deu preferência à pedra, madeira, aço, vidro e pele. O antigo chão em pedra foi todo





coberto por pinho, e se pensar num mosteiro secular na zona Centro de Portugal lhe suscita imagens de corredores gélidos, então pense melhor, pois um sistema moderno e eficaz de aquecimento central garante uma temperatura confortável nas áreas comuns.

Também o mobiliário depurado, mas belo, e os poucos elementos decorativos saíram do projeto do arquiteto português, que assina as cadeiras em pele e as mesas que se encontram nos corredores junto às janelas. Mas Souto Moura não é o único arquiteto português vencedor de um prémio Pritzker a intervir no Montebelo Alcobaça Historic Hotel – as cadeiras nos quartos, as do bar e os candeeiros nos corredores são da autoria de Álvaro Siza Vieira.

Entre os 91 quartos – uns com vista para o amplo terreiro interior com as suas amoreiras podadas, outros para a cidade – contam-se suítes, quartos familiares e ainda um quarto para hóspedes com mobilidade condicionada. No segundo piso, alguns quartos com portas tão pequenas que obrigam a cuidados com a cabeça – para evitar galos – contrastam com um pé-direito de criar torcicolo. Tudo teve de ser adaptado e feito à medida. Não há, provavelmente, duas janelas ou portas iguais.



Consequência normal para um edifício que se foi fazendo e refazendo ao longo dos séculos, o que valoriza o trabalho de reconstrução que em momento algum interfere na estrutura do monumento, Património Mundial da UNESCO. O grupo Visabeira, proprietário da marca de hotéis Montebelo, tem a concessão do mosteiro por 50 anos.

Como as celas monásticas eram de dimensão austera, cada quarto resulta da junção de pelo menos duas celas. São quartos amplos, modernos, confortáveis, com uma decoração minimal à imagem do restante espaço. O quarto em que ficámos tinha um nicho na parede da casa de banho, junto à janela, com ares de noutra vida ter sido um depósito de água. O diretor do hotel supõe mesmo que fosse uma fonte, dado que um dos fatores para a escolha do local da construção de mosteiros e conventos fosse a proximidade da água, que aqui



MOSTEIRO DE ALCOBAÇA

232 420 000

A PARTIR DE 150,40€ EM QUARTO DUPLO

MONTEBELOHOTELS.COM



SAIR

atravessa os próprios jardins (passa por baixo, o rio Alcobaça).

“São apenas cinco séculos de história, coisa pouca”, diz António Machado Matos, sem esconder o sorriso, referindo-se à zona que ocupa a parte do edificado transformado em hotel e que é posterior em alguns séculos à fundação do mosteiro. Foi em 1178 que começou a construção, com a igreja e a fachada virada de frente para o centro histórico de Alcobaça – embora se possa especular se, na verdade, não é antes o centro histórico da cidade que está virado para o mosteiro.

“Foi uma das primeiras obras de diplomacia portuguesa. D. Afonso Henriques queria que o papa reconhecesse Portugal enquanto reino independente e a ele enquanto rei. Como o abade da Ordem de Cister, em França, era bastante influente na cúria papal, para conseguir o favor do abade e, com isso, o reconhecimento do seu reinado, D. Afonso Henriques disse que lhe oferecia um mosteiro igual ao de Claraval, de França”, conta o diretor do hotel sobre a fundação do mosteiro que seria inaugurado passados quase 80 anos, em 1252, pelo neto do primeiro rei de Portugal, e que, como uma pesquisa no Google confirma, é de facto muito parecido com o francês.

“O mosteiro foi depois crescendo, para responder às necessidades da Ordem de Cister”, explica Matos quando passamos à frente do restaurante onde, no primeiro andar (há ainda um segundo piso e um térreo), se servem os pequenos-almoços. “Nesta sala estava o notariado e o escritório dedicado à escrita e impressão de livros.”

O peso da história revela-se em detalhes antigos. Por exemplo, no salão que era o da antiga biblioteca, onde perduram frescos na parede e das janelas se avista o Jardim dos Obeliscos. “Os livros estão atualmente na Biblioteca Nacional, enquanto as estantes foram para a Assembleia da República”, diz Matos.

Nos perto de 15 mil metros quadrados deste hotel de cinco estrelas, que é o sétimo em Portugal do grupo Visabeira, não poderiam faltar piscina, ginásio e *spa* (banho turco e cabines de massagens). Se o ginásio é pequeno e não augura grandes treinos, a piscina – construída onde já houve cavaliarias – é provavelmente a única em que é possível nadar à volta de colunas seculares que sustentam uma abadia. O espaço presta-se à contemplação, como é o desígnio de um mosteiro.

MONTEBELO

